

RESENHA

O público da Teologia Pública: a contribuição de Paul Tillich

Alonso S. Gonçalves*

CUNHA, Carlos. **Paul Tillich e a teologia pública no Brasil**: o contributo do método da correlação de Paul Tillich à epistemologia da teologia pública no Brasil no contexto do pensamento complexo e transdisciplinar. São Paulo: Garimpo, 2016, 408p.

A *teologia*, enquanto discurso teológico, tem por vocação interagir com a sociedade. Nesse sentido ela, *per si*, tem um caráter *público*. A *teologia pública*, desenvolvida por alguns autores, quer ser mediadora de metodologias e linguagens que possibilitem *comunicação* e *ação* no espaço *público*. Para isso, a *teologia* necessita dialogar com o seu contexto de forma a interagir com as questões relevantes da sociedade. Essa tarefa se constitui a partir de conflitos, principalmente quando *teologia* é entendida como pertencente à igreja, sendo ensinada em faculdades e seminários confessionais como uma *doutrinação* para defender a *fé* de ameaças, pretensamente, heréticas. Nesse sentido, uma das maiores dificuldades para se pensar uma *teologia* que seja *pública*, é a sua dependência de confissões de fé, com uma abordagem estritamente eclesial, no sentido de produzir *teologia* para dentro da comunidade de fé e nunca, com raras exceções, para fora. Pensar *teologia* fora dos muros institucionais é um caminho difícil, pois compreende-se que *teologia* é para os cristãos e não, necessariamente, para a sociedade.

Longe de ser uma moradora dos seminários, faculdades confessionais e igrejas, a *teologia* quer ser uma *leitura* viável para o espaço público, daí a sua adjetivação *teologia pública*. Por ter conquistado legitimidade acadêmica recentemente (1999), ela se assenta nas ca-

* Doutorando em Ciências da Religião (UMESP); Licenciatura em Filosofia (ICSH);
E-mail: alonso3134@hotmail.com

deiras das *ciências humanas* procurando seu espaço epistemológico entre as majoritárias da sua área de conhecimento. Nesse sentido, a proposta de Carlos Cunha é bem vinda com o texto “Paul Tillich e a Teologia Pública no Brasil”. Fruto de sua tese de Doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE (Belo Horizonte/MG), o texto está dividido em três partes: 1 – O pensamento complexo-transdisciplinar; 2 – A teologia de fronteira de Paul Tillich; 3 – Teologia pública: encontros e diálogos.

Na primeira parte da pesquisa, o autor se dedica a demonstrar a *plausibilidade* da *teologia* no atual momento de mudanças paradigmáticas. Essas mudanças, segundo o autor, é consequência de um “tempo de crise”. A “crise é proveniente da desorientação das sociedades que questionam os modelos adquiridos”. Essa desorientação gerou insegurança e fez emergir novos *modelos* para a leitura da realidade. A *crise* se dá na *sociedade*, quando “sem mais a inocência de antes, as grandes questões pelo sentido da vida suscitam as mais agudas e perturbadoras inquietações”. O autor assume o termo, controvertido, de *pós-modernidade* por entender que esse período “nega o otimismo intelectual da modernidade”. Para o autor há uma *crise* na *religião*. Embora considere como um aspecto complexo de determinação, ele concebe um tempo de indefinição por ser favorável a possibilidade de “diagnósticos díspares sobre o futuro ou não da religião”. Para fechar a sua tríplice concepção de *crise*, o autor elenca o *conhecimento* que vem sofrendo mudanças de perspectivas, principalmente o “descompasso entre o conhecer e o viver”. Essa *crise* gerou a *crise* de *paradigmas*, ocasionando novos *modelos* como o *pensamento complexo*, que tem em Edgar Morin um dos principais teóricos. Com a *teoria da complexidade*, o autor tem o seu aporte teórico para conceber um tempo onde tudo está interligado e a metáfora que expressa essa ideia é a *rede*. Por isso que a *transdisciplinaridade* é um *paradigma* que se sustenta por não conceber mais separações e compartimentos isolados do conhecimento. A leitura do mundo, e sua dinamicidade, exige múltiplos olhares e uma lógica clássica não tem mais espaço, surgindo então uma lógica do terceiro termo incluído, ou seja, superando a visão aristotélica. Dessa maneira, há condição para que “uma epistemologia que carrega no seu bojo o pensamento complexo e transdisciplinar” se sustente. É dentro

desse aspecto do *conhecimento* que o autor justifica o *lugar* da *teologia* quando interpelada pela realidade, tendo, portanto, a possibilidade de contribuir com sua linguagem e discurso.

Na segunda parte do texto, o autor se dedica a expor o pensamento teológico de Paul Tillich, o autor-referência do seu trabalho. Com Tillich, o autor quer legitimar o que discutiu na primeira parte (O pensamento complexo-transdisciplinar), elegendo o método tillichiano da *correlação* como um caminho para se pensar *teologia* no espaço *público*. Por ser conhecido como um *teólogo da fronteira*, Tillich concatena o conhecimento em sua diversidade (filosofia, teologia e ciência), o que dá ao autor do nosso trabalho condições para formular uma “teologia que-dá-respostas” diante das questões da contemporaneidade. Tillich, um extemporâneo, desenvolveu uma linguagem teológica para o seu tempo e o autor explora isso a partir das publicações do teólogo alemão-estadunidense, bem como o seu método da *correlação*. Apropriando-se do método tillichiano, o autor coloca o teólogo em condições de dialogar com as questões da existência humana, dando, assim, meios para o próximo passo do seu trabalho, uma *teologia* que tenha o que dizer quando legitimada no espaço *público*.

A terceira parte é, propriamente, a tese do autor. A sua principal pergunta é: como a *teologia* pode se articular em um tempo marcado por mudanças estruturais, onde as transformações são dinâmicas e as respostas são plurais? Atento a este tempo, o autor sentencia: “urge a necessidade de reconstrução de uma epistemologia teológica capaz de dialogar com o mundo atual”. Em busca dessa epistemologia teológica, é necessário abertura “à complexidade da vida e ao diálogo transdisciplinar, que se articula a partir das diferentes relações”. Para o que propõe, o autor enfrenta o primeiro problema: colocar a *teologia* na praça *pública*. Sua argumentação passa pela leitura bíblica, demonstrando a *publicidade* da *teologia*; pela conceituação de *teologia pública*, conduzida pela complexidade-transdisciplinar, como também pelo pensamento de Tillich. Assim, surge uma *teologia* com *consciência*, ou seja, uma *teologia* aberta às demandas da sociedade, da universidade e da igreja. Dessa maneira, a principal *tarefa* da *teologia pública* é desenvolver um *discurso* que contemple as diferentes confissões de fé; que participe dos setores sociais; que tenha uma linguagem inclusiva; que

dialogue com outras ideias; que interprete o momento atual com uma hermenêutica bíblica, tendo a vida como mediação. Para esse esforço tornar-se em *práxis*, o autor ilumina o caminho: “a *teologia pública* é um serviço prestado pelas comunidades de fé ao mundo. Ela exerce uma função mediadora entre as pessoas cristãs e a sociedade [...] em diálogo direto com diferentes órgãos governamentais, na participação junto à sociedade civil, através de movimentos sociais e na contribuição para a formação cidadã”. O *público* da *teologia*, quando aberta ao diálogo e com legitimidade epistemológica, política e cultural, se dá pelo *inacabamento* – “teologias inacabadas e caminhanças são teologias abertas, isto é, abertas a encontros alimentados por diálogos com a cultura”; pela *criatividade* – a capacidade “de se refazer de maneira nova e relevante diante da sociedade”.

Algumas considerações são possíveis a partir deste trabalho.

A *teologia pública* procura o seu lugar. Quando o autor coloca Paul Tillich como ponto preponderante no texto, esperava-se não apenas a dedicação ao seu método (*correlação*) e sua principal característica (*fronteira*), mas também a sua *teologia da cultura*, mencionada pelo autor mas não explorada. A *teologia da cultura* é mais apelativa para uma *linguagem pública da teologia*, uma vez que Tillich analisa a *cultura* a partir de *símbolos*, permitindo assim um discurso teológico inteligível onde temas como Jesus Cristo, salvação e igreja, ganham novos contornos. Além da *teologia da cultura*, o autor não olhou com mais cuidado para a concepção de *fé* em Tillich. A *fé* não pode ser tomada como um *conhecimento*. A sua legitimidade é *inata* como bem define Tillich – “é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”. Sendo algo intrínseco ao ser humano, como uma dimensão primeira deste, a *fé* se constitui em uma realidade que envolve o ser humano e todas as suas características e não apenas uma parte ou função, se é que é possível dividi-lo.

A construção da linguagem da *teologia pública* é tomada a partir de algumas noções do que seja o espaço público para ser interlocutora (sociedade, universidade e igreja). Essa demanda se torna em desafio no Brasil por ser a *teologia* restrita às confissões de fé onde a marca preponderante do *saber* é a *revelação*.

Uma *teologia pública* que tem na *revelação* o seu principal ponto de *abertura* para o espaço *público*, onde entende-se que “na busca sincera pelo conhecimento, o sujeito atinge algo de absoluto e o absoluto é Deus”, tem dificuldades em dialogar com a *ciência*. Se a base epistemológica da *teologia* que quer ser *pública* é a complexidade-transdisciplinaridade, não poderá entender *teologia* com base na *revelação* e *escrituras* de maneira *lato sensu*. Uma vez que as *escrituras* também é *linguagem* e também é concebida a partir de uma *cultura*. Em outro lugar o autor concebe uma hermenêutica da *revelação* – “falar sobre Deus é a tarefa primeira do teólogo. É evidente que o objeto da teologia não é ele em absoluto, mas falar dele”. Aqui, portanto, a *revelação* não é tomada como um *conhecimento* absoluto, mas como linguagem que tem na *hermenêutica* a sua mediação, sendo assim, “como disciplina humana, ela é ciência hermenêutica, mediada pela realidade, sujeita às limitações da inteligência e dicção próprias da condição humana”. Caberia, portanto, uma distinção no papel da *teologia pública* na esfera social e acadêmica. Na primeira, a tarefa da *teologia pública* se dá a partir da *experiência* da *fé*; quanto à segunda, o principal elemento seria a *hermenêutica*, propondo interpretações a partir de bases comuns ao conhecimento científico, e não tendo, necessariamente, a *revelação* como ponto de partida.

A contribuição do teólogo Carlos Cunha nesse trabalho é salutar. O seu texto recebeu “Menção Honrosa” da CAPES pela proposta apresentada. Merecidamente. Para todo o autor, o maior benefício que seu trabalho pode receber é a reverberação daquilo que teve a capacidade intelectual de propor. Por isso, recomendamos a leitura desse livro a fim de ampliar o debate em torno do tema *teologia* e espaço *público*.